

O caminho da pedra: uma obra em que Mário Simon faz reflexões sobre a identidade indígena

The path of the stone: a work in which Mario Simon reflections on indigenous identity

Marcia Rejane Kristiuk*

UniRITTER

Regina da Costa da Silveira**

UniRITTER

Resumo: O artigo discorre sobre o diálogo que ocorre entre literatura e história no romance *O Caminho da Pedra*, de Mário Simon. A análise da obra conta com o apoio teórico de Mikhail Bakhtin (2005), ao tratar do dialogismo, da personagem e seu enfoque pelo autor. Encaminha-se a reflexão sobre a identidade indígena, representada na obra literária por Simon com a história da destruição dos Sete Povos das Missões e da imigração alemã.

Palavras-chaves: Identidade. História. Povo indígena. Mário Simon. Dialogismo.

Abstract: The article discusses the dialogue that occurs between literature and history in the novel *The Path of the Stone*, Mario Simon. The analysis of the work has the support of theorist Mikhail Bakhtin (2005), when treating of dialogism, the character and focus by the author. Moving reflection on indigenous identity, represented on the literary works by Simon with the story of the destruction of Seven People of the missions and of German immigration.

Keywords: Identify. History. Indigenous people. Mario Simon. Dialogism.

Introdução

As forças culturais existentes fazem parte de um tempo e um espaço não só atual. Tudo começou quando o homem sentiu necessidade de ir em busca de novas conquistas e, para sua satisfação, encontrar e demarcar territórios, onde pudesse saciar seu desejo de posse. Essas buscas geraram contatos de uma cultura com outras e assim se delimitou a exploração e dominação de povos nativos. O romance *O Caminho da Pedra*, de Mário Simon, representa um exemplo de migrações e domínio de uma cultura sobre outra. Imigrantes alemães travam um embate com a cultura indígena, levando o nativo a perder sua terra e sua identidade.

Mário Simon¹ mantém aceso o interesse do leitor pela mistura de ficção e história em seu romance *O Caminho da Pedra*. São verdadeiros

* Mestre em Letras.
marciuka06@gmail.com

** Doutora em Letras.
regina.flausina@gmail.com

* Crenoble Mário Basso Simon nasceu em Carazinho (RS), no dia 30 de abril de 1939. Além de professor na área de literatura, selou sua ligação com as Missões exercendo o cargo de secretário municipal de turismo de Santo Ângelo. Nessa função, estudou a história missionária; lutou pela preservação dos monumentos em ruínas, ora denunciando o abandono em que se encontravam, ora pesquisando seu percurso. Mário realizou um trabalho de envolvimento e estudos que resultou em obras como: *Breve Notícia dos Sete Povos* (1987); *Os Sete Povos das Missões: trágica experiência* (1993) e no romance *O Caminho da Pedra* (1988). O professor Mário Simon reside em Santo Ângelo desde 1956. Toda sua obra é marcada pela temática das

os nomes, os locais e os fatos principais que fazem parte da narrativa. Isso transparece no comentário feito pelo escritor, na nota de capa da obra em estudo: o romance narra duas histórias: uma verdadeira e outra ficcional. “Mas tão reais que se entrelaçam numa verossimilhança exposta e dura que o real e o imaginário não podem mais ser desmembrados” (SIMON, 1988, nota de capa).

O autor, Mário Simon, “se vale da estrutura do romance para manifestar a voz dos excluídos na história” (ZILBERMAN, 2004, p. 76). Também se volta à questão dos jesuítas que estabeleceram os Sete Povos das Missões.

Eleger o século XVIII, como época, e as missões jesuíticas, como espaço, não significa apenas a rejeição de teses sobre a formação do Rio Grande do Sul e sobre sua composição étnica. Representa também a preferência por um episódio marcado pelo espírito civilizatório, pela parceria entre povos distintos, pelo esforço de produzir cultura [...] manifesta admiração e respeito pela capacidade criativa e artística dos moradores de São Miguel, os guaranis adotados e educados pelos jesuítas (ZILBERMAN, 2004, p. 77).

A apresentação do livro inicia com o comentário: “Esta é a história de um soldado e de um índio. Mas é, também, a história de um povo que vence em terra estranha e de outro povo derrotado em sua própria terra” (ZILBERMAN, 2004, p. 07). Os vencedores são os imigrantes alemães trazidos pelo governo para colonizar o Brasil. Derrotados, os indígenas das Missões do Sul do Brasil obrigam-se a deixar suas terras porque haviam sido demarcadas para cada família alemã.

A trajetória de Mathias Simon e Gabriel Paica

Mathias Simon, um soldado alemão, luta pelas tropas de Napoleão que tenta conquistar a Rússia. Consegue sobreviver à tragédia da guerra que resulta na retirada das tropas do Imperador francês após a conquista de Moscou. Trabalhava como moleiro, mas a situação econômica na Alemanha não ia bem, então, resolveu emigrar para o Brasil quando soube que havia um administrador brasileiro requisitando famílias para colonizar o país. Vendeu tudo o que tinha, juntou o dinheiro e partiu em embarcações próprias que levavam os imigrantes.

Gabriel Paica, o índio Guarani missioneiro, vê uma luz nas reuniões realizadas pela grande nação Guarani, com a presença de alguns chefes, entre eles, o caudilho José Artigas e seu protegido André Guacurari, o índio Andresito. A decadência das Missões, na segunda década do século passado, leva os povoados a grandes amontoados de pedras, abandonados pelos homens e até pelos bichos.

Gabriel vê seu povo ser mandado embora da terra, mas ele teima em continuar sozinho, em sua casa, no povoado de São João. Logo, chegam os

Missões. Revelou-se contista desde 1980, sendo indicado ao “Prêmio Apesul Revelação Literária”. Publicou, em 1987, seu primeiro livro de ficção, intitulado *Lindeiro*. O autor missioneiro também escreve desde 1985 a coluna “Motivos para Redação”, do *Jornal de Santo Ângelo*. Muitas dessas crônicas resultaram em um livro intitulado *Inventário de Motivos* (2003). Outra produção de Simon, *Passionário: contos e crônicas reunidos* (1998) traz a crônica de uma cidade e de sua gente, contada de diversas formas.

alemães e vão tomando seus pedaços de terras, demarcados pelo governo. Uma das mulheres (Dorotéia) é motivo de brigas entre as outras porque ela havia ficado viúva durante a viagem e as demais a viam como uma ameaça a seus maridos. Então, ela invade a casa de Gabriel e ali permanece até que ele a aceite como mulher. No início, o índio sofre muito com as brigas e as ameaças do povo alemão, que não aceita uma mulher de seu povo metida com um “bugre”.

Com o tempo, os imigrantes não conseguem produzir; seu gado e maquinários, recebidos do governo, terminam. Só Gabriel consegue manter suas plantas bonitas e produtivas. Os alemães resolvem migrar para outras regiões em busca de melhores terras. Gabriel e sua esposa permanecem no local com um casal de filhos. Dorotéia, cansada de viver isolada naquele lugar, com a família e, pensando no futuro de seus filhos, resolve convencer o marido para irem junto a seu povo. Partem até se instalarem provisoriamente em um lugar de muita mata, próximo a São Leopoldo. Gabriel, com suas habilidades, constrói uma casa.

Logo chega a esse mesmo lugar a família de Mathias Simon e se tornam vizinhos do Guarani. No início, estranham-se, mas depois se tornam amigos. Gabriel ajuda Mathias a construir sua casa e um moinho que o imigrante havia projetado. A colônia de alemães demonstra certa resistência em aceitar o Guarani em seu meio, mesmo defendido pelo amigo.

A situação piora quando alguns índios espalhados pelo local começam a raptar crianças alemãs e Gabriel é acusado de atrair os companheiros para a região. No terceiro parto, morrem Dorotéia e a criança que ela espera. Mathias e a mulher tentam confortar o Guarani, mas um dia, quando se dão conta, ele e as crianças somem. Nunca mais souberam notícias deles.

Assim, é representada a figura do índio Gabriel Paica na obra em estudo, enquanto sujeito figurativo da decadência de seu povo, em face de um sistema ideológico que previa a destruição dos povos indígenas. Concebendo o dialogismo como um espaço interacional entre eu e o tu ou entre eu e o outro, Barros (1999) refere-se a Bakhtin, no que diz respeito ao “papel do ‘outro’ na constituição do sentido ou sua insistência em afirmar que nenhuma palavra é nossa, mas traz em si a perspectiva de outra voz”, discorrendo sobre o sujeito que “perde o papel do centro e é substituído por diferentes vozes sociais, que fazem dele um sujeito histórico e ideológico” (BARROS, 1999, p. 2-3).

Isso acontece na relação de diferentes culturas para identificar sua própria identidade. A obra em análise oportuniza uma reflexão sobre a desestruturação da cultura indígena.

Havia já dez anos que as Missões dos Sete Povos eram administradas pelos portugueses. Mas aquele dia 13 de agosto de 1801 não se apagara da lembrança do índio Gabriel Paica. Muitas e muitas vezes, na solidão do pampa,

à luz das estrelas, Gabriel pensava como tantas coisas ruins aconteciam para ele e para seus irmãos guaranis. Mais de uma vez o profundo arrependimento induzia sua vontade de partir, não sabia para onde (SIMON, 1988, p. 18).

Importante aspecto da relação entre literatura e história aparece quando o autor leva a personagem Gabriel Paica a suas reflexões sobre a destruição dos Sete Povos. Nesse momento, Mário Simon é o romancista, utilizando-se da produção ficcional para refigurar um tempo histórico. O autor busca dados históricos para compor seu romance, inclusive, contando a história da própria família: antepassados alemães que vieram para o Brasil.

Desse modo, tiveram contato com a cultura indígena, vivenciando as políticas governamentais e as disputas da época pelas terras das Missões no sul do país. Também se descobre Mário Simon (1993) como historiador, através do trabalho de sua autoria *Os sete povos das missões: trágica experiência*. Então, pode-se estabelecer um paralelo entre tal obra e *O caminho da pedra*, observando as aproximações da figura do romancista com a do historiador.

A passagem na qual Gabriel Paica fala sobre os territórios jesuítico-guaranis confere com o dado histórico: “[...] esta Colônia de Sacramento que, em 1750, vai gerar o Tratado de Madrid que propõe a troca das Missões dos Sete Povos por ela e que termina na trágica guerra guaraníca” (SIMON, 1993, p. 27).

O papel de romancista e historiador, desempenhado pelo autor das obras citadas, acontece pelo desenvolvimento de suas pesquisas científicas acerca dos acontecimentos históricos dos povos missionários e por sua criação artística ao romancear a história. A narrativa ficcional trabalha com uma situação de disputas que geram guerras. Em determinado momento, os indígenas são requisitados como soldados, como ocorre com Gabriel:

Pensava todos os detalhes, a montaria, as armas, os possíveis obstáculos pela frente. Se pudesse levar uma pistola, isso seria possível, pois aos sentinelas eram entregues armas de fogo. Não temeria a fome, que sabia perfeitamente defender-se dela no campo. Media, também, as consequências terríveis, se falhasse. E sopesava, também, a difícil recepção de Artigas, já que seria um desertor. Haveria de convencê-lo de que um guarani miguelista não podia conviver com os portugueses (SIMON, 1993, p. 25).

Nelci Müller (1991) refere-se à obra *O caminho da pedra* como uma narrativa que constitui uma epígrafe, na qual figura Mathias Simon, que gerou Mathias e gerou João Alfredo. Nessa perspectiva, a autora afirma que:

A narrativa se alterna, ora narrando a vida de Mathias, fugindo das adversidades de sua pátria ou enfrentando os obstáculos dos primórdios da

colonização alemã no Rio Grande do Sul; ora acompanha Gabriel, aliado de Andresito Artigas, em seu sonho de recuperar o território das Missões, que em 1801, passa a ser administrado por portugueses. À medida que a colonização alemã se consolida, o índio perde a esperança de recuperar a terra e a dignidade (MÜLLER, 1991, p. 61).

O diálogo entre os personagens Mathias e Gabriel, na história ficcional criada por Simon, faz refletir sobre a expulsão dos Guarani de seus territórios. Gabriel vê seu povo sendo expulsos, mesmo aqueles que restaram, velhos e crianças.

Gabriel só entendeu mesmo a dura realidade quando já estava no outro lado da praça. As miseráveis famílias de velhos e as raras crianças guarani estavam definitivamente banidas de São João. Para o resto das Missões, aquele povoado era uma tapera abandonada. Ninguém mais se importava com os últimos guarani. Ali começava a Colônia de São João Batista com os imigrantes alemães. Um bando de arruaceiros desorganizados, pensava Gabriel, jogados ali com um soldo miserável por dia, à espera do milagre da terra que não vinha nunca sem o trabalho (SIMON, 1993, p. 131).

Nas disputas para evitar que suas terras sejam tomadas, Gabriel vai atrás das tropas de Andresito Artigas. Junta-se a elas na luta travada para recuperar o que lhes estavam tirando.

Gabriel, então, narrou tudo o que acontecera em São Borja. A visita a Artigas, Andresito, Tiraparé e o fato lamentável que o fez mudar-se de São Miguel. Que Andresito e Artigas preparavam-se para invadir as Missões e salvar o povo guarani da abjeta situação em que fora levado (SIMON, 1993, p. 70).

Nelci Müller (1991) ressalta que Andresito Artigas, filho do caudilho José Artigas, uruguaio, também tem presença significativa em narrativas ficcionais. Trata-se de um líder corajoso que conta com a adesão dos remanescentes Guarani, descontentes com a administração portuguesa. Ele queria devolver a seus irmãos de raça a terra entregue à administração portuguesa por meio do tratado de Badajós, em 1801.

Através da personagem Mathias, o autor Mário Simon revela, na narrativa romanesca, a imigração, um acontecimento histórico que marcou a constituição do povo brasileiro. As famílias de imigrantes alemães vieram ao Brasil com a esperança de melhores condições de vida nesta terra promissora. Já encontraram seus pedaços de chão demarcados.

Retomando a trajetória do romance de Mário Simon, percebe-se que, em dois grandes momentos, os fatos históricos convergem à obra ficcional: a destruição das missões e a colonização européia. Primeiramente, o índio Gabriel Paica faz parte de um retrato do país em que os Guarani lutam para preservar suas raízes, seu povo e suas terras. Para tanto, a personagem

Guarani participa dos combates com as tropas de Andresito, as quais são derrotadas por não se guarnecerem de armas bélicas e por não estarem preparadas para guerrear.

Esse povo apenas pretendia viver em paz com seus costumes e mantendo os meios de sua sobrevivência. A narrativa permite verificar o fim dos esforços em salvar os Guaranis, quando o líder Andresito Artigas é ferido e cai nas mãos dos portugueses. A garra e os sonhos de Gabriel se esmorecem, sentindo-se derrotado com a notícia da perda do líder:

Nada podia ser pior para a moral da tropa. Em vão Tiraparé tentou convencer os índios de que o general Artigas continuava a luta pela liberdade da grande família guarani. Sem Andresito, perdia-se um elo forte das esperanças que juntavam tantos índios em torno do grande ideal. Para completar a desgraça, a Companhia que ficara em São Nicolau fora batida e os sobreviventes chegavam a São Xavier contando sobre um poderoso exército do inimigo que viera para liquidar o avanço de Artigas (SIMON, 1988, p. 108).

A ganância de portugueses e espanhóis pela exploração de riquezas ocasionou o massacre do povo Guarani. Os dados históricos sobre tal massacre revelam um número exorbitante de índios mortos nas batalhas. Do lado dos portugueses e espanhóis, morreram três ou quatro soldados.

Historicamente, quando os Guaranis perceberam que não conseguiram vencer o inimigo, colocaram fogo nas reduções e de lá fugiram. Essa situação revela que o fogo não apenas queimou as instalações físicas, levantadas nas missões, mas avassalou uma cultura inteira. Ainda podem-se ver os resquícios das ruínas de São Miguel nos livros e no próprio solo que o tempo e os homens conservam como patrimônio cultural:

À decadência moral e física que o índio ia apresentando, acompanhava a baixa moral dos administradores e padres. Entre eles havia a discórdia e intrigas que culminaram em levar o governador, por mais de uma vez, a demitir todos. Mas os substitutos nunca foram melhores. Não é possível precisar o que sofreu, neste período, o povo missionário. Mas o fato que 60 anos de ausência dos jesuítas bastaram para a aniquilação total dos guaranis das reduções, atesta o infortúnio e a desgraça por que passaram (SIMON, 1993, p. 137).

A seguir, o romance dá conta do início da colonização no país. Quando vencido, Gabriel retorna a São João e vê uma nova realidade: um outro povo tomando conta das terras e da cultura locais.

Quando apareceram as primeiras carroças que traziam os alemães que vinham colonizar a velha São João, as estacas dos lotes demarcados haviam caído quase todas. A cena que Gabriel e uns raros índios que ainda estavam na vila viram era ridícula. Mulheres em vestidos longos abanando-se ao sol poente de janeiro, homens suadíssimos nas camisas de mangas longas,

caras vermelhas e barbas ruivas, moças de cabelos cor de trigo maduro, crianças chorando de medo dos indiferentes índios ali postados à sombra (SIMON, 1988, p.125-126).

Mário Simon demonstra habilidade no uso das palavras ao escrever o romance. A realidade é revelada de forma literária envolvente, quanto ao sofrimento do índio Guarani. Gabriel é representado como o último remanescente de um fato histórico que avassalou seres humanos oprimidos e destruídos cruelmente: A Destruição dos Sete Povos das Missões, que hoje faz parte do Patrimônio cultural do Rio Grande do Sul, denominando-se as Ruínas de São Miguel³. Essas Ruínas são conservadas pelo estado como uma forma de manter viva a história do indígena. Ela também recebe muitos visitantes turistas com a finalidade de conhecer o que aconteceu nesse lugar. Muitas escolas levam seus alunos para verem de perto como a colonização destruiu um povo e sua cultura.

Confirma-se assim um romancista e historiador que, em determinado momento, revela os absurdos das ações humanas através da criação ficcional. Por outro lado, realiza estudos sobre acontecimentos históricos para entender as mudanças e injustiças que ocorreram com o povo Guarani, mais especificamente, com os que integraram os Sete Povos das Missões. Munido desse conhecimento, Simon apresenta reflexões críticas na criação ficcional sobre uma história da província de São Pedro do Rio Grande do Sul.

O protagonista da obra *O caminho da pedra*, Gabriel Paica, representa a voz do reprimido, desse Outro que sofreu com as consequências da colonização. O diálogo entre história e ficção assinala o resgate do Outro, apontando às incoerências do discurso que define o Brasil. A apresentação da personagem indígena questiona a ação violenta da cultura ocidental, tanto que, ao ver seu povo derrotado, Gabriel fala da maldição jesuítica, como se o índio estivesse condenado a uma maldição, na tentativa de mascarar a ganância portuguesa:

Somente no terceiro dia, pela manhã, Gabriel assistiu a melancólica fila de três carroças abarrotadas de gente e pertences, os soldados seguindo atrás. Alguns iam a pé, entre eles, índios, os últimos do povoado. Enquanto subiam a coxilha para sumirem para sempre, Gabriel ficou pensando na maldição dos jesuítas. Nem aos guaranis, nem a ninguém era dado continuar naquele local. Ali não brotaria nunca mais cidade alguma, com gente alguma. Aquelas pedras e aquela terra vermelha estavam condenadas ao destino de tapera e ao mato selvagem. Os padres jesuítas que repousavam no fundo da terra no interior da igreja em ruínas reclamavam a paz eterna que tinham direito. Ele partiria também (SIMON, 1988, p. 145-146).

Na obra de Simon, ocorre o confronto de vozes oriundas dos brancos, ditos civilizados, e dos indígenas missioneiros, considerados selvagens.

³ Ruínas de São Miguel Arcaño: Ponto turístico: Atrativo Histórico / Cultural. Principal redução jesuítica, cuja igreja foi construída em 1745, possuía três naves com cinco altares dourados, com uma torre contendo cinco sinos. Pela sua importância histórica, foi tombada pela UNESCO, por ser considerada Patrimônio da Humanidade. (RIO GRANDE DO SUL, 2014)

Conforme a teoria de Mikhail Bakhtin (2005), romance polifônico é aquele em que cada personagem funciona como um ser autônomo com visão de mundo, voz e posição própria no mundo. Assim *O caminho da pedra* expressa a visão da realidade na voz do Guarani sobrevivente ao massacre cultural. Nesse sentido, a personagem desse romance interessa “enquanto ponto de vista específico sobre o mundo e sobre si mesma, enquanto posição racional e valorativa do homem em relação a si mesmo e à realidade circundante” (BAKHTIN, 2005, p. 46-47), e também interessa em seus traços relacionados à realidade para dizer “quem é ele”. Mas essas qualidades objetivas da personagem que apontam para “quem ele é”, ditas “estáveis”, que revelam “a sua condição social, o perfil espiritual e sua aparência externa” não o isentam, contudo, de sua autoconsciência, que passa a ser objeto da visão e representação do autor.

Na trama do romance, Gabriel luta para salvar seus irmãos, mas acaba vivendo derrotas; também presencia o início da colonização alemã que vem para substituí-los na posse dessas terras. Ele percebe que não pode viver sua cultura, tampouco consegue viver dentro da cultura branca e cristã, resultando uma insegurança em relação ao futuro das comunidades dos Guaranis.

O sujeito indígena apresenta-se fragmentado, pois, ao se juntar com uma mulher de origem alemã (Dorotéia), vê em seus filhos o desenlace de costumes. Ele criaria seus descendentes sobrevivendo dos recursos naturais, aprendendo a lidar com a natureza e com os animais. Sentindo-se só, no meio da mata, a mulher se preocupa com a educação dos filhos longe da civilização.

Ainda se observa, no romance, o diálogo entre as duas culturas quanto à comparação de costumes, no que se refere a atitudes sentimentais. O índio é rebaixado e ridicularizado como selvagem, porém, na cena em que Dorotéia fala do presente recebido de Gabriel:

O colar brilhava no peito branco de Dorotéia. Uma súbita comoção invadiu a mulher. De repente percebeu que jamais um homem lhe havia dado um presente sequer. Ninguém nunca a amara. Por que tinha que ser índio a lhe dar carinho assim? Esse homem a amava, tinha certeza, além da cobiça de seu corpo (SIMON, 1988, p. 146).

Mário Simon empenha-se em trazer o texto para uma pluralidade de vozes, as quais emitem seus pontos de vista e retratam sua participação nesse choque de culturas, devido à ação colonizadora do branco cristão, principalmente, pelas missões católicas. A representação da amizade do índio e do imigrante é uma forma de trazer à tona o discurso ignorado até bem pouco tempo pela história oficial. Além dos contratempos entre o mundo branco cristão, dos danos negativos, da imposição do cristianismo, são retratados, na narrativa: o descaso dos órgãos públicos pela questão

indígena, os interesses políticos e a vida clandestina no interior das matas brasileiras.

Trazendo ares de mansidão, os portugueses foram se infiltrando na cultura indígena e a modificando. Depois, com mais ferocidade, utilizaram-se da violência para destruí-los, apossaram-se de suas terras e dispersaram esse povo pelas matas. Por fim, taxaram-lhes de bêbados, ladrões e bugres perigosos. Na narrativa, pode-se perceber esse deslocamento, em que as personagens ficam numa situação de imobilidade e incapacidade para superar a posição espacial que ocupam dentro da cultura e da sociedade:

- São os bugres.

- Os bugres?

- [...]

- O que eu sei é que são muito perigosos. Mas que atacam lavouras. O que é que estariam pretendendo?

- Não é só lavoura que atacam. Eles matam para roubar os animais e as coisas de casa. Já assaltaram na Picada Hortêncio, mataram um homem e levaram um menino (SIMON, 1988, p. 168).

O contato entre o índio e o imigrante traduz o choque de culturas representando dois discursos. Mathias tenta defender Gabriel, mas a personagem Arenhart se contrapõe a seus argumentos, dizendo que os índios vêm a ser todos iguais. Percebe-se a imposição da cultura branca, em que o eu (colonizador) já possui uma ideia definida daquilo que quer ler sobre o Outro (colonizado), como acontece no diálogo entre Mathias e o imigrante.

Gabriel não é bugre. É índio das Missões, sabe ler e escrever, é casado com uma alemã.

- É assim que eles enganam. Enfeitiçou a mulher. E você já viu ele ler e escrever?

- Ele não é bugre. Os filhos dele são batizados. Ele também (SIMON, 1988, p. 169).

Várias vozes envolvidas na narrativa falam das divergências e diversidades que envolvem a questão indígena. O narrador levanta críticas na voz de Mathias quando tenta afirmar que Gabriel não é bugre, mas um índio que sabe ler e escrever, também que seus filhos são batizados. Assim, como acontecia antes, quando o índio era catequizado para ser civilizado, sugere-se que o Guarani tem que ser aceito socialmente porque pratica ações próprias dos europeus e não porque faz parte uma cultura diferente. Há a inútil imposição da religiosidade ocidental para um povo que já possui cultura e religião.

O romance ensaia a constituição da nação brasileira e as mazelas impostas pelo discurso colonial, reafirmando a corrupção condenável por que passou o país, quando o indígena foi visto com características negativas que precisavam ser aniquiladas.

A perda de identidade do povo indígena

A identidade do ser humano, ao longo da construção da sociedade, tem influências diversificadas que servem como parâmetro para o sujeito assumir posições. Essas posições, muitas vezes, se constroem a partir da visão da diferença no outro. Logo, o homem se define em suas características físicas, sociais, econômicas e políticas, por ser aquilo que o outro não é.

A cultura indígena sofreu muitas invasões pelos colonizadores europeus. Tentou resistir para defender o seu povo, mas a dominação era tão forte que os índios foram derrotados em sua própria terra. A obra *O caminho da pedra*, de Mário Simon, relata, pois, a imigração alemã ao Sul do país, uma passagem da história oficial representada na obra, justo por evidenciar, na condição em que se encontra Gabriel e sua família, a desagregação e a dizimação dos povos indígenas.

Nesse caso, afirmar a necessidade de demarcar terras indígenas para receber famílias alemãs que colonizariam o Rio Grande do Sul significa posicionar-se de acordo com um discurso monológico, em que outras questões que venham a ser distintas desse discurso passam a ser eliminadas.

Ao tratar da identidade humana, Tomás Tadeu da Silva dirá que “Assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são, pois, inseparáveis” (SILVA, 2000, p. 75). Não obstante, o que ocorre na narrativa em relação ao povo Guarani não é a identificação do diferente como outra cultura, mas sua anulação completa. Foram emitidos juízos pejorativos sobre uma civilização que vivia dos recursos da natureza, da caça e da pesca, da coleta e de um pequeno plantio de subsistência. Assim, a cultura indígena foi prescrita como sinônimo de preguiça e desleixo de seus membros, já que não se enquadrava nos mesmos padrões de trabalho e no estilo de vida do povo europeu. Então, o governo brasileiro precisou trazer o imigrante ao Brasil, pois necessitava de gente que trabalhasse nas terras improdutivas. Era preciso colonizar este Estado e o índio não servia para isso. Além do desprezo que os europeus tinham pelos nativos, desejavam livrar-se deles, expulsando-os para lugares indefinidos, sem se importarem para onde pudessem ir. Por isso, não se preocupavam com as formas de crueldade que aplicariam para assombrar esse povo.

Uma por uma chegavam até Gabriel as notícias do desastre total e eram como punhaladas que lhe metiam no peito, escondido nos fundos dos campos com meia dúzia de companheiros extraviados. [...] E a amargura

foi crescendo na alma daquele que sonhou a liberdade de toda sua gente, vergonha e remorso pelos companheiros mortos, pelas mulheres maltratadas e violentadas, pelas crianças abandonadas no meio dos escombros em fogo das vilas (SIMON, 1988, p. 88-89).

Como se sabe, as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela. Neste sentido, refletem no reconhecimento perturbador que não é só pela relação com o Outro, pela relação com aquilo que não é, mas com aquilo que falta, aquilo que é seu exterior constitutivo, que o significado de identidade pode ser construído. A constituição de uma identidade social é um ato de poder:

Pois se uma identidade consegue se afirmar é apenas por meio de repressão daquilo que a ameaça. Derrida mostrou como a constituição de uma identidade está sempre baseada no ato de excluir algo e de estabelecer uma violenta hierarquia entre os dois polos resultantes – homem/mulher etc. Aquilo que é peculiar ao segundo termo é assim reduzido – em oposição à essencialidade do primeiro – à função de um acidente. Ocorre a mesma coisa com relação negro/branco, na qual o branco é, obviamente, equivalente a ‘ser humano’. ‘Mulher’ e ‘negro’ são, assim, ‘marcas’ (isto é, termos marcados) em contraste com os termos não marcados “homem” e ‘brancos’ (HALL, 2000, p. 110).

A obra literária em estudo apresenta personagens de culturas diferentes, em momentos e locais diferentes, que acabam se cruzando e compartilhando seus problemas sociais. Por um lado, Mathias Simon, o imigrante, sonha com uma vida melhor no Brasil. Por outro lado, Gabriel Paica, o índio Guarani missioneiro, possui a esperança de sobreviver à decadência de seu povo. Vidas distintas, uma visa à exploração; a outra, à preservação.

Nesse sentido, segue a reflexão da personagem Gabriel quando faz referências a sua própria cultura: “A decadência doía fundo nos sentimentos dos remanescentes do tempo dos jesuítas. Eles contavam aos novos o brilho das Missões de antigamente e se esforçavam por perpetuar alguns costumes” (SIMON, 1988, p. 18).

Tentando entender certos conflitos de identidade nacional, observa-se que a construção de identidade, em nosso país, se estabeleceu pela diferença, principalmente, pela negação do outro, no caso, do habitante nativo. Conforme Zilá Bernd (2003), contar a própria história, ou seja, a construção da identidade está ligada à narrativa em que a coletividade ou um indivíduo se definiria pelas histórias que narra de si mesmo, extraindo a própria essência em que a coletividade se encontra.

No Brasil, com o romantismo, tentou-se sacralizar uma literatura nacional, incorporando uma imagem inventada do índio, excluindo sua voz.

Por outro lado, no modernismo, a identidade nacional toma um sentido de dessacralização, equivalendo a uma abertura para o diverso, em que uma cultura poderia estabelecer relações com as outras. Recentemente, a literatura brasileira tenta estabelecer uma síntese desse jogo dialético, “associando o resgate dos mitos à sua constante desmistificação, o redescobrimto da memória coletiva a um movimentar contínuo dos textos, o que equivale a um perseverante questionamento de si mesma” (BERND, 2003, p. 20).

Os primeiros europeus mantinham uma visão etnocêntrica do Novo Mundo, em que negavam para atribuir aos povos e terras recém descobertos uma identidade refletida à imagem e semelhança dos dominadores. Isso ocasiona a irrepresentabilidade do outro (índio ou autóctone), levando a uma divisão de mundos, “entre civilizados e bárbaros [...] que se recusavam a reconhecer os ameríndios em sua alteridade, [...] tendência a cristalizar-se como doxa até nossos dias, gerando o preconceito e o racismo” (BERND, 2003, p. 23).

No romance de Mário Simon (1988), depois de derrotados, os Guarani perdem de vez sua identificação. São denominados, de forma desprezível, como bugres e sempre vagam pelas matas. Isso resulta na imagem de um ser perigoso e amedrontador. No primeiro encontro de Mathias e Gabriel, percebe-se a construção de estereótipo em relação ao nativo. Quando o imigrante vê a fumaça na mata, já se arma contra o bugre, pois previa o perigo:

Mathias caminhou na direção de onde brotava uma tênue fumaça e, esgueirando-se por entre as árvores, ocultando-se aqui, espiando ali, divisoou o que lhe pareceu uma choupana de duas águas, cobertas de folhas de coqueiro. Sentado em frente, um homem, cujas feições não podia distinguir perfeitamente, mas o suficiente para ver que se tratava de um índio (SIMON, 1988, p. 158).

Quando Anderson (1989) se reporta à biografia das nações, faz alusão à consciência nacional, cujas profundas mudanças trazem amnésias características. O que acontece com as pessoas modernas é semelhante ao que acontece com as nações. A consciência de estar inserido no tempo secular, serial, com todas as suas implicações de continuidade – embora “esquecendo” a experiência dessa continuidade, resultado das rupturas de fins do século XVIII, engendra a necessidade de uma narrativa de “identidade”. Na história secular da pessoa, há um meio e um fim. Ela emerge dos genes paternos e de circunstâncias sociais para um palco histórico onde, por um breve período, desempenha um papel até a sua morte. Já a nação não tem nascimentos claramente identificáveis e, no caso de sua morte, nunca é natural.

A busca pela identidade, ou melhor, a tentativa do reconhecimento da própria identidade, é uma luta constante de vários povos. Esse reconhecimento é aspirado principalmente por revelar-se uma realidade com muitas diferenças. A obra *O caminho da pedra* representa um diálogo entre o mundo ficcional e os fatos históricos. Nela, se constituem ficcionalmente os primeiros contatos e formações de identidade nacional, observando as tentativas de destruir a cultura indígena para adotar a cultura europeia, de maneira que o nativo é excluído pelos colonizadores.

A construção da identidade brasileira passa pela dominação de culturas colonizadoras e a perda de identidade de comunidades inteiras faz parte da história de nosso país. A narrativa ficcional de Simon representa, pois, uma realidade em que literatura e história dialogam. Desse diálogo, depreende-se que a literatura é capaz de oportunizar uma reflexão que a história, como disciplina dos currículos escolares, nem sempre oportunizou, ou seja, uma reflexão sobre identidades diferentes, que viveram choques culturais e impactos ideológicos de um pensamento excludente.

Considerações finais

Gabriel protagoniza as faces da história massacrante. Na amizade com Mathias, vive relações mais estreitas com os imigrantes, porém, não é aceito em festas, nem na igreja deles, o que demonstra a rejeição sofrida por seu povo. O vaso construído com desenhos que aprendera a fazer com seus antepassados, o qual dera de presente ao amigo, representa a marca daquilo que um dia se perdeu, no caso, a sua cultura.

A personagem sente-se, assim, dividida por estar vivendo duas culturas, uma que herda pela de sua tradição, e outra que lhe impuseram. Por causa de sua mulher, vê-se obrigado a uma situação de dependência do outro. Com a morte dela no parto, ocorre uma ruptura dolorosa, como se o europeu houvesse lhe levado o amor e o encanto de viver.

O fato de Gabriel e as crianças sumirem no alto da montanha denuncia o desaparecimento da organização indígena. “Onde estará Gabriel? E as crianças? Oquyra é tão pequena...” (SIMON, 1988, p. 203). Apenas a lembrança do passado insiste em sobreviver:

A partir de então, sempre no Natal, Mathias queria ver as pedras escovadas e limpas. Na memória dos filhos, o índio passava a ser uma lembrança vaga, mas alimentada de quando em vez pela história que o pai contava ali junto às pedras. Iniciava-se, assim, no processo da tradição oral, a perpetuação de uma amizade quase impossível naqueles tempos (SIMON, 1988, p. 204).

A lembrança que Mathias tem de seu amigo reflete a consciência de hoje, ou seja, costuma-se pensar, recordar a história do que aconteceu como se esta distante de nós estivesse, sem se propor o debate sobre a

situação dos povos indígenas na atualidade. Uma vez que a história foi gerada pela falta de respeito às diferenças e pelo espírito selvagem dos que praticaram tais atos, torna-se denegrada, assim, a imagem e a dignidade do humano.

A reflexão sobre a narrativa de Mario Simon lembra, com efeito, a análise de Bakhtin (2005) sobre a personagem e seu enfoque pelo autor, pela necessidade de se perguntar não apenas quem é Gabriel, a personagem, mas, acima de tudo, a obra *O Caminho da Pedra* leva o leitor a indagar-se sobre o que o mundo é para essa personagem.

Referências

ANDERSON, Benedict. *Memória e esquecimento*. São Paulo: Ática, 1989.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoievski**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Dialogismo, Polifonia e Enunciação. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz. **Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin**. 2. ed. 1. reimp. São Paulo: EDUNESP, 1999. p. 49-62.

BERND, Zilá. **Literatura e identidade nacional**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

HALL, Stuart. Quem precisa de Identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MÜLLER, Nelci. **Da história à literatura: a representação literária das missões no romance sul-rio-grandense (1881-1988)**. 1991, 174 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1991.

Rio Grande do Sul, São Miguel das Missões. **Ruínas São Miguel Arcanjo**. Disponível em: http://www.saomiguel.rs.gov.br/portal1/municipio/ponto_turistico.asp?iIdMun=100143378. Acesso em: mar. 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In:_____. **Identidade e Diferença: perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 73-102.

SIMON, Mário. **O caminho da pedra**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1988.

SIMON, Mário. **Os sete povos das missões: trágica experiência**. 3. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1993.

ZILBERMAN, Regina. História e literatura no Rio Grande do Sul. In: SCHULER, Luís Fernando; BORDINI, Maria da Glória-(Org.). **Cultura e identidade regional**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

Data de submissão: 11/04/2014

Data de aprovação: 22/07/2014